

Meme no pensamento e na ação: o conceito do bom contágio

José Mauro Ferreira Pinheiroⁱ

Fernanda Carneiro Cavalcantiⁱⁱ

RESUMO

Como demonstram Lakoff e Johnson (2002 [1980]), segundo a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), a metáfora é um recurso sobretudo cognitivo. Valemo-nos de conceitos mais concretos para pensar e falar sobre experiências mais abstratas. O presente artigo objetiva, assim, analisar a conceptualização de meme à luz da TMC (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]; EVANS; GREEN, 2006; KÖVECSES, 2010). Reúnem-se, para tanto, definições de meme formuladas por Dawkins (2007) e Jenkins (2009) de modo a estabelecer análise comparativa entre o momento em que se originou a palavra meme e o momento atual. Os achados evidenciam a relevância das metáforas MEME É DOENÇA e COMUNICAÇÃO É CONTÁGIO em ambos os autores, muito embora apontem para divergências importantes quanto à perspectivação do usuário dessa mídia.

Palavras-chave: Metáfora conceptual; Meme; Doença; Comunicação.

ABSTRACT

As shown by Lakoff and Johnson (2002 [1980]) through the Conceptual Metaphor Theory (CMT), a metaphor is a primarily cognitive device. We use more concrete concepts to understand and talk about more abstract experiences. Thus, this article aims at analyzing the conceptualization of the word meme, bearing in mind the tenets of CMT (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]; EVANS; GREEN, 2006; KÖVECSES, 2010). For this reason, we have collected definitions of meme, as provided by Dawkins (2007) and Jenkins (2009). The analysis intends to draw a comparison between the moment in which the term was coined and the present moment. The findings imply the relevance of the metaphors MEME IS DISEASE and COMMUNICATION IS CONTAGION for both authors, even though they might markedly diverge about the way they profile the users of this media.

Keywords: Conceptual metaphor; Meme; Disease; Communication.

ⁱ Mestrando em Estudos de Língua (Linguística) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1087-6551> | josemauro2010@yahoo.com.br

ⁱⁱ Professora Adjunta do Departamento de Estudos da Linguagem na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4660-1026> | cavalcanti7fernanda@gmail.com

INTRODUÇÃO

Na fala corriqueira, é muito comum dizer-se que um meme “viralizou” nas plataformas digitais. O uso nesses termos de tal palavra nos possibilita observar que procedimentos metafóricos relacionados com os comportamentos do corpo humano, em especial o domínio conceptual DOENÇA, estariam estruturando a sua significação.

Com efeito, ao usar a palavra meme, na condição de um vírus, o falante acena que entende e, conseqüentemente, relaciona-se com o meme nas plataformas digitais a partir da experiência do contágio. Ou seja, é plausível afirmar que tal falante se relacionaria com meme com base na ideia de que se alguém teve contato com este, essa pessoa estaria metaforicamente “infectada”, de modo análogo a alguém que contrai o vírus da gripe, por exemplo.

Por outro lado, percebe-se que esse tipo de contágio está sendo avaliado pelo falante como algo positivo. Ou seja, com base na conceptualização de meme em termos de vírus, haveria a avaliação e/ou perspectiva (EVANS; GREEN, 2006) de que este traria algum benefício aos seus hospedeiros, qual seja: a possibilidade de participar de interações – as redes sociais – altamente desejáveis nas sociedades contemporâneas pós-industriais; e de realizar uma comunicação rápida e eficiente.

Nesse sentido, vale destacar que uma investigação acerca da cunhagem da palavra meme demonstra que, desde a sua origem, essa indexação com o domínio experiencial ligado aos comportamentos do corpo humano, saudável ou não, já estava posta. O zoólogo britânico Richard Dawkins, a quem é atribuída a cunhagem da palavra meme, em seu *O gene egoísta*, de 1976, ao embutir neste a noção de replicação nos moldes de um gene, considera o falante como um paciente determinado pelas leis cegas da biologia.

Por outro lado, usos mais contemporâneos da palavra em questão tendem a facultar ao falante um caráter mais participativo. Dessa forma, ressalta-se que definições mais contemporâneas (JENKINS, 2009) acerca do que seria um meme, no que pese contestarem o uso deste associado a vírus, dado o caráter participativo de tal mídia, estariam ainda sendo estruturadas pela metáfora COMUNICAÇÃO É CONTÁGIO.

Assim, se por um lado, de acordo com as definições de origem, o usuário de meme seria conceptualizado como um paciente, ao transmitir informações já dadas e

determinadas por leis de comunicação aos moldes das leis cegas atribuídas à biologia; por outro lado, de acordo com as definições contemporâneas, o usuário de tal mídia seria considerado sujeito, por, a ele, ser facultado o poder de reformular e ressignificar o seu conteúdo, participando, assim, de uma interação com propósitos comunicativos aos moldes de uma comunicação cujo contágio não é conceptualizado como passivo, por ser desejável.

Diante da tensão detectada entre as primeiras e contemporâneas definições atribuídas a meme, o presente artigo busca abordar quais mapeamentos metafóricos organizam os significados desse item lexical, tomando por base a Teoria da Metáfora Conceptual (doravante TMC), postulada por George Lakoff e Mark Johnson (2002 [1980]), além de um conhecido levantamento de domínios-fonte mais corriqueiros, elaborado por Kövecses (2010). Também ajudaram a informar a fundamentação teórica desse artigo as considerações de Schabarum e Chishman, (2020) sobre o caráter situado das metáforas conceptuais no pensamento científico e no ensino da ciência.

Em outras palavras, considerando que o meme é um tipo de modelo de comunicação digital adotado na contemporaneidade, objetiva-se, com esse artigo, discutir tal modelo à luz da TMC. Para tanto, empreende-se, com base em 3 definições de meme formuladas por Dawkins (2007) e 1 definição formulada por Jenkins (2009), análise comparativa entre o momento em que se originou a palavra meme e o momento atual.

Organiza-se, assim, o presente artigo nas três e seguintes seções, além dessa introdução: na primeira parte, apoia-se na TMC, para abordar a emergência da metáfora conceptual MEME É DOENÇA e COMUNICAÇÃO É CONTÁGIO nos dados coletados. Na segunda seção, passa-se à análise dos dados coletados, isto é, às quatro definições de meme encontradas nos trabalhos de Dawkins (2007) e Jenkins (2009). Por fim, nas considerações finais, discutem-se os resultados obtidos com a análise empreendida e suas possíveis contribuições.

1. MEME É DOENÇA E COMUNICAÇÃO É CONTÁGIO

É sabido que, em uma definição mais preliminar, a metáfora era concebida como um recurso estritamente linguístico que, em certa medida, deformaria a relação de acuidade entre pensamento e realidade. Segundo Lakoff e Johnson (1980 [2002]), tal

definição estava calcada em um paradigma objetivista, que entendia que a linguagem teria uma relação estreita com a realidade. As metáforas, segundo essa tradição, espelhariam de modo não confiável essa relação. Portanto, utilizá-las seria colocar em risco a transparência e a estabilidade existentes entre o pensamento e a experiência com o real.

Com efeito, Lakoff e Johnson (1980 [2002]), ao lançarem as bases da TMC, estão buscando evidenciar que a metáfora está muito mais contígua à nossa experiência cotidiana do que paradigmas – por eles chamados de objetivista e subjetivista – supunham. Ela é parte central do nosso sistema conceptual, influenciando diretamente nossa forma de agir e de pensar. A apreensão de nossas experiências se dá, pois, por meio da metáfora conceptual, que serve de base para as metáforas linguisticamente manifestadas e/ou demais expressões linguísticas.

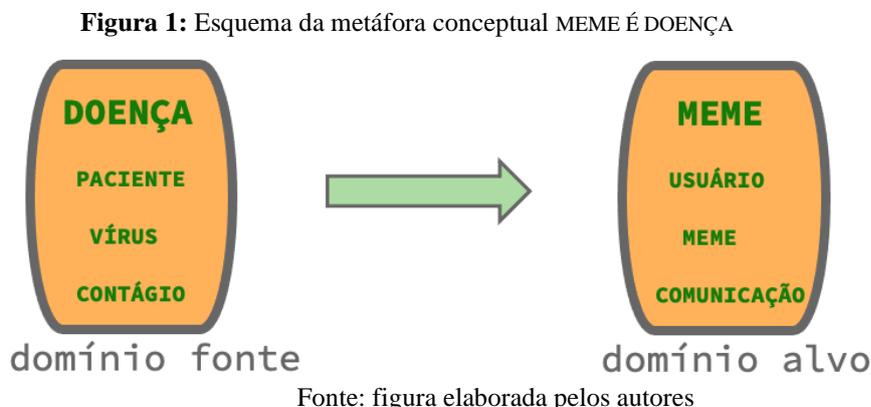
Na realidade, desde o século XVIII, filósofos como Giambattista Vico já apontavam para uma mudança no paradigma de percepção da metáfora. Como sinaliza Zanotto em sua apresentação à obra de Lakoff e Johnson (1980 [2002]),

Para ele, tanto os mitos quanto as metáforas representam maneiras de dar forma à experiência. Todas as figuras de linguagem, entre as quais a metáfora se destacaria como a mais importante, fariam parte da “sabedoria poética”, conceito introduzido por Vico para se referir ao conjunto de operações cognitivas que levariam à construção do real. (ZANOTTO, 2002, p. 12)

Assim, a definição de metáfora conceptual proposta por Lakoff e Johnson (1980 [2002]) articula-se da seguinte forma: trata-se da compreensão de um domínio de experiência menos tangível, mais abstrato (chamado de alvo), em termos de um outro domínio, mais concreto (chamado de fonte). A descrição desse processo metafórico-conceptual recebeu a seguinte notação: DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE.

Por exemplo, MEME é um conceito que apresenta um grau de abstração considerável. Seu lugar de espalhamento não é palpável, tampouco é tangível a forma como seus usuários processam suas informações. O meme é um texto sem autor fixado, circulando num espaço efêmero. No entanto, DOENÇA é um domínio bem mais aproximado de nossa experiência física e da forma como interagimos com o mundo. Ela tem reflexos visíveis no corpo e perceber-se infectado por uma doença costuma ser razoavelmente detectável. Daí que quando alguém diz que “um meme está viralizando em algum lugar”, o que essa asserção linguística revela é um processo mental, habilitado

pela metáfora conceptual MEME É DOENÇA e suas correspondências, como demonstra a figura abaixo.



VÍRUS é um dos componentes do domínio-fonte que é mapeado pelo domínio-alvo de modo a estruturar o conceito de MEME. Tal vírus especifica um tipo de doença (ou seja, de base virótica) por meio da qual se convencionalizou conceptualizar como “o meme se prolifera e/ou se proliferou nas redes”. Nada impediria que tal conceptualização mapeasse bactéria, por exemplo, como o meio pelo qual o meme se prolifera e/ou se proliferou nas redes. Por outro lado, poderia ser difícil imaginar algo como “metástase de um meme”, fazendo alusão a um câncer. Os três componentes arrolados (VÍRUS, BACTÉRIA, CÂNCER) são coerentes com a metáfora MEME É DOENÇA, no entanto, apenas o primeiro é mapeado pelo domínio-alvo MEME.

A título de exemplo da convencionalização dos mapeamentos metafóricos, Lakoff e Johnson (1980 [2002], p. 104) analisaram a metáfora AMOR É UMA VIAGEM. As manifestações linguísticas dessa metáfora podem trazer referências a tipos de viagem, como de carro (“Essa relação é um beco sem saída”) ou de navio (“O nosso casamento está encalhado”). Ou seja, esses mapeamentos podem acabar por se tornarem mais convencionais, em contraposição a outros que podem emergir apenas no discurso local. Esses últimos revelam um investimento mais específico do falante/conceptualizador, que se vale de um gradiente de criatividade para atingir seus objetivos comunicativos. Nesses casos mais singulares, o enlace amoroso pode ser compreendido por meio de viagem submarina ou o espalhamento de um meme nos moldes de um câncer, por exemplo.

Importa salientar que análises sobre o recrutamento de domínios-fonte relacionados com DOENÇA não são exatamente novidade na literatura da Linguística Cognitiva. De acordo com um levantamento quantitativo feito por Kövecses (2010), a partir de diversos dicionários de metáforas e de expressões idiomáticas, conceptualizações metafóricas com base no corpo humano são muito comuns em diversos contextos culturais, especialmente no ocidental.

Nesse sentido, os achados de Kövecses (2010, p. 19) apontam para o domínio-fonte SAÚDE/DOENÇA como produtivo, em especial para domínios-alvo como: (i) EMOÇÃO (“você feriu meus sentimentos”); (ii) MENTE (“uma mente doentia”); (iii) SOCIEDADE (“uma sociedade saudável”). Todos são domínios-alvo altamente abstratos e muito pouco palpáveis mapeados por elementos do domínio-fonte DOENÇA. Dito de outra forma, a experiência humana com a saúde/doença não prescinde da experiência com o corpo, o que permite afirmar que os dois domínios estão contiguamente relacionados e são igualmente relevantes.

Algo que merece destaque nessas considerações é o fato de o fenômeno metafórico não ser bem aceito nas fileiras técnico-científicas do conhecimento. Espera-se das articulações teóricas um linguajar neutro e objetivo, portanto livre de qualquer adorno figurado, entendido como deletério para uma construção de saberes que se pretende fidedigna à realidade.

No entanto, trabalhos como o de Schabarum e Chishman (2020) explicitam como a metáfora pode funcionar como um recurso assaz fértil no contexto de uma aula de biologia, por exemplo. Segundo os autores, na verdade, é quase inevitável o emprego da metáfora no jargão pedagógico e científico. Isso porque para eles, “a objetividade e a neutralidade nem sempre são possíveis” (SCHABARUM; CHISHMAN, 2020, p. 411). Amiúde os cientistas deparam-se com fenômenos com os quais não conseguem interagir de forma direta e são obrigados a se valer de conceptualizações baseadas em domínios mais concretos.

Assim, ao analisarem aulas de biologia disponibilizadas em plataformas digitais, os autores ponderam que, quando um professor de biologia diz que o “coração bombeia sangue” para seus alunos, o emprego dessa expressão metafórica cumpriria uma função imediata em sua aula, qual seja: fazer com que seu público compreenda da maneira mais clara possível o funcionamento de um órgão humano bastante complexo. Os autores

concluem que explicações que abordam o tema sem esse tipo de figuratividade correm o risco de mostrarem-se demasiado densas para a boa apreensão do tema por parte dos alunos.

Dessa forma, conforme o que se vinha desenhando neste artigo, para a TMC, a linguagem deve ser abordada de acordo com o seu aspecto conceptual, ou seja, a partir de como se dá a amálgama entre linguagem e pensamento. Em outras palavras, pretende-se, com o presente artigo, ao discutir os aspectos relacionados à maneira pela qual se fala sobre meme, estabelecer relação com a maneira pela qual se pensa esse fenômeno. Como destaca Vigotski (1999, p. 149), nesse sentido, não se pode estabelecer um elo primário entre linguagem e pensamento, já que existiria, por exemplo, um “período pré-linguístico do pensamento e um período pré-intelectual da fala”.

Tal autor explica, assim, que a conexão entre pensamento e linguagem não deve ser entendida como trivial nem superficial, já que o significado de uma palavra seria a unidade dessa conexão entre linguagem e pensamento. Ou mais precisamente: “uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da ‘palavra’” (VIGOTSKI, 1999, p. 150-51). Por outro lado, pondera o autor, “o significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito” (p. 151). Como conceitos fazem parte do pensamento, o significado também é um fenômeno do pensamento.

De maneira bastante análoga, a metáfora, conforme definida pela TMC, confirma essa relação estreita entre linguagem e pensamento. Se alguém articula linguisticamente construções como “o coração parou de bombear sangue” ou “essa postagem é viral”, essas asserções revelam conceitos metaforicamente construídos como O CORAÇÃO É UMA BOMBA e MEME É DOENÇA, respectivamente. Já a ação da escolha pelo uso de uma metáfora linguística, licenciada por uma metáfora conceptual, pode atender a diferentes funções mais locais, como “explicar o estado de um paciente cardíaco para sua família” ou “advertir um amigo sobre a veracidade de uma postagem”.

Por fim, como recuperam ainda Schabarum e Chishman (2020, p. 412), áreas do conhecimento como a Genética encontram, em sua descrição teórica, o recrutamento de metáforas conceptuais, como DNA É INFORMAÇÃO. Ela é espelhada por construções linguísticas como “dicionário do código genético”, “mensagens genéticas”, etc. Dessa forma, nas próximas linhas, será verificada, de acordo com as primeiras definições atribuídas a meme, elaboradas por Dawkins (2007), a instanciação, sobretudo da metáfora

MEME É INFORMAÇÃO GENÉTICA; ou ainda de que a comunicação, com base nas metáforas COMUNICAÇÃO É PROPAGAÇÃO e/ou COMUNICAÇÃO É CONTÁGIO, estaria sendo conceptualizada como algo regido por leis biológicas, de transmissão e cópia de informação ao invés de algo construído por falantes em interação com objetivos para realização de ações comuns.

Além disso, será analisado, com base nos usos e definições contemporâneas (JENKINS, 2009), numa visada comparativa, se as metáforas MEME É VÍRUS e COMUNICAÇÃO É CONTÁGIO são igualmente ativadas.

2. AS DEFINIÇÕES DE MEME E SUA ANÁLISE

2.1 Dawkins e as metáforas MEME É GENE, MEME É VÍRUS e MEME É PLANTA

Quando Dawkins (2007) define o conceito de MEME, ele o faz nas bases de uma ideia de caráter cultural que é repassada de uma geração para outra com sucesso e boa fixação. O meme “evoluiria”, assim, de mente em mente e aos poucos se tornaria relevante para uma dada comunidade cultural. Para o autor, o meme pode englobar diversos conteúdos, contanto que passível de replicação, como uma canção, uma moda no vestuário, um provérbio, um *slogan*, o conjunto de saberes de uma determinada área científica e inclusive a própria ideia de Deus.

Para o autor, em algum momento da história do planeta, no caldo amarronzado (=mar) onde flutuavam moléculas complexas, criou-se uma molécula replicadora capaz de copiar a si mesma, ou seja, o gene. Essa cena inicial, que estrutura o seu conceito de GENE, com base em componentes como MAR, REPLICAÇÃO, GENE, é recrutada para conceptualizar MEME, cujos componentes são mapeados em termos dos componentes CULTURA, MEMÓRIA, MEME. É o que se percebe na seguinte descrição dawkinsiana:

Tal como os genes se propagam no *pool* gênico saltando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, os memes também se propagam no *pool* de memes saltando de cérebro para cérebro através de um processo que, num sentido amplo, pode ser chamado de imitação. (DAWKINS, 2007, p. 330)

Nesse sentido, interessa ainda notar que, em outra passagem, Dawkins (2007, p. 330) assinala que é necessário criar-se uma palavra “para o novo replicador, (...) que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou (...) de imitação. (...) a palavra ‘meme’ guarda relação com ‘memória’”. Percebe-se nessa proposição que a palavra “replicador” ativa a metáfora MEME É GENE.

Mais adiante em sua obra, Dawkins (2007) recruta o domínio-fonte DOENÇA para definir meme. Ao citar N. K. Humphrey (1986) usando termos como “parasita” e “vírus”, podemos, na passagem que se segue, observar a emergência da metáfora MEME É VÍRUS:

Os memes devem ser considerados estruturas vivas, não apenas metafóricas, como também tecnicamente. Quando planta um meme fértil na minha mente, você literalmente parasita meu cérebro, transformando-o num veículo de propagação do meme, da mesma maneira que um vírus pode parasitar o mecanismo genético de uma célula hospedeira. (HUMPHREY, 1986 apud DAWKINS, 2007, p. 330)

Vale destacar que, em tal definição, o autor, ao usar as palavras “planta” e “fértil”, ativa a metáfora conceptual MEME É PLANTA, estabelecendo, assim, diversas perspectivas ao abordar tal fenômeno, a partir das quais indica um caráter de manutenção, sobrevivência da informação cultural em termos de organismo vivo, vírus e planta. Ou seja, ao definir meme nesses termos, o autor atribui aos seus usuários a possibilidade de um contágio positivo, desejável, já que se a multiplicação de meme for bem-sucedida, a informação cultural sobreviverá assim como a replicação do DNA, o que garante e garantiu a manutenção da vida no planeta.

Dito de outra forma, nos termos dessas metáforas, o meme é “uma doença boa de se contrair”, “uma planta fértil”, o que acena para um posicionamento ideológico positivo diante desse fenômeno da comunicação humana. Também é possível notar, nessa passagem, como esse grupo de metáforas conceptuais está calcado na nossa experiência com o corpo. Elas selecionam inclusive partes específicas dele, como “cérebro” e “células”, o que confirma uma das noções mais caras (hipótese da corporificação) à Linguística Cognitiva.

Outro ponto importante é quanto à característica fulcral que Dawkins (2007, p. 39) atribui ao componente REPLICAÇÃO de GENE, mapeado na conceptualização de MEME. Para ele, o Homo sapiens e os outros animais que habitam a Terra são máquinas criadas por sua constituição genética. O gene, segundo a visão dawkinsiana, obedeceria a uma

lógica interna de manutenção da espécie, exibindo um egoísmo implacável, daí o título de sua obra, *O gene egoísta* (2007). Isso significa dizer que um determinado gene, encontrando as condições necessárias para se replicar e seguindo alguns princípios, assim o faria automaticamente.

Para Dawkins (2007, p. 51), o altruísmo encontrado nas espécies é quase sempre circunstancial e opera por exclusão. Ele acontece a partir de uma limitação bem rígida de quem pode fazer parte do pequeno grupo de indivíduos beneficiados por esse altruísmo. O autor exemplifica, afirmando que o ser humano não tem qualquer dificuldade de sacrificar animais de grande porte como um primata, que padecem severamente com as ações predatórias humanas, mas se solidariza gravemente com a morte de um feto humano, que mal consegue sentir dor.

Assim, ao conceptualizar MEME em termos de GENE, o autor está se baseando num modelo cultural bastante em voga no Ocidente, ou seja, o caráter inato do egoísmo humano. Esse modelo adotado pelo autor exhibe uma tensão importante com um outro, que focaliza o altruísmo. Para Harari (2018, p. 31), por exemplo, o motivo para a espécie *Homo sapiens* ter tido êxito em sua perpetuação na Terra foi o fato de ter conseguido produzir ficções robustas, como a ideia de um Deus criador, ao redor das quais se organizava e se mobilizava; e por meio de uma linguagem altamente versátil, mantinha e mantém um número muito grande de indivíduos da espécie cooperando coletivamente, o que garantiu nosso triunfo evolutivo. Segundo esse modelo cultural, portanto, a cooperação é um caráter fundante do ser humano.

Assim, se por um lado a comunicação por meio de memes pode ser (considerada) excludente e hermética, já que para alguns a compreensão dos seus conteúdos não é evidente, para outros tantos, ela funciona com eficácia. Dessa forma, é plausível afirmar que, de acordo com as definições elaboradas por Dawkins (2007), essa eficácia se daria aos moldes da multiplicação de um “vírus”, atingindo seus “hospedeiros” de modo que o fluxo de informação se mantenha “fértil” e “vivo”. Certamente um indício da eficácia do ato comunicativo é o fato de ele conseguir projetar novos interlocutores, capazes de passar adiante o conteúdo apreendido.

2.2 A metáfora MEME É DOENÇA e as definições contemporâneas

Na seção anterior, ao abordarmos as definições atribuídas ao meme por Dawkins (2007), o fizemos com intuito de estabelecer uma visada histórica, considerando que foi a partir delas que se deu o aparecimento de tal palavra. Dessa forma, nessa seção, abordamos as definições mais contemporâneas, formuladas pelo estudioso da comunicação Henry Jenkins, com o intuito de observarmos possíveis convergências e/ou divergências entre ambas as definições.

Nesse sentido, vale, de início, ressaltar que, para o estudioso da comunicação Jenkins (2009), a descrição feita por Dawkins (2007) não deveria ser aplicável ao conceito contemporâneo de meme. Isso porque, para Jenkins (2009), a primeira edição da obra *O gene egoísta*, ao datar de 1976, contemplaria uma época bem anterior às redes sociais, em que as tecnologias da inteligência humana eram muito distintas. Na contemporaneidade, como afirma Lévy (1993, p. 129), ao discutir o seu conceito de tecnologias da inteligência, “conectados à rede informático-midiática, os atores da comunicação dividem cada vez mais um mesmo hipertexto, (...) as mensagens são cada vez menos produzidas de forma a durarem”.

Ora, como já destacado antes, quando se conceptualiza o meme nos moldes de um vírus, está-se mapeando um componente do domínio DOENÇA, que tem, por característica, seu bom grau de contágio. Ou seja, pensa-se neste, em termos de uma mídia com bom grau de repasse. Portanto, a definição de Dawkins (2007), embora rejeitada por estudiosos da comunicação como Jenkins (2009), relaciona-se de maneira consistente com o modelo de comunicação da sociedade contemporânea. Tanto que o uso de expressões como “tal meme viralizou” perdura até hoje, como comentado na introdução desse artigo.

Por outro lado, para Jenkins (2009), cujos estudos se têm destacado por abordar o indivíduo da era das plataformas digitais como sujeito que detém poder de reapropriação sobre a informação que recebe, a metáfora convencionalizada MEME É DOENÇA, ao mapear componentes como VÍRUS e CONTÁGIO, conceptualizaria a comunicação realizada por esse tipo de mídia como involuntária. Assim, para Jenkins (2009, n.p.), essa metáfora não leva(ria) em consideração que “Ideias são transformadas, ressignificadas e distorcidas por passarem de mão em mão” (tradução nossa).

Contudo, observa-se que, ao criticar a metáfora MEME É DOENÇA, esse autor também se vale de uma metáfora conceptual para definir meme. Ao defini-lo como conjunto de ideias que são “transformadas” e “distorcidas”, por passarem “de mão em

mão”, o autor licencia a metáfora MEME É OBJETO, isto é, meme é (aí) conceptualizado nos moldes de uma entidade tangível, que pode ser transferida de um corpo humano para outro através das mãos. Ora, em tese, não existiria nada na essência da palavra “meme”, se fôssemos aqui adotar essa perspectiva do essencialismo da linguagem, que possibilitaria percebê-lo como um objeto tocável. O que permite a extensão polissêmica do significado de tal palavra é justamente o aspecto imaginativo postulado pelo experiencialismo corporificado.

Aliás, para Lakoff e Johnson (1980 [2002], p. 75), “compreender nossas experiências em termos de objetos (...) permite-nos selecionar partes de nossa experiência e tratá-las como entidades discretas”. Chamado pelos autores de “metáfora ontológica”, tal processo permite-nos dar contornos artificiais, quase tão delineáveis quanto o corpo humano, a experiências bem mais difusas. A metáfora ontológica corresponde, assim, a uma necessidade comunicativa de conferir uma espécie de superfície (domínio-fonte ENTIDADE) a domínios mais abstratos.

Dessa forma, os autores consideram esse tipo de metáfora como básico, por estar ligado à experiência física imediata com o corpo. Em outras palavras, e resgatando as questões propostas por esse artigo, uma metáfora como MEME É DOENÇA, rechaçada por Jenkins (2009), teria como base a metáfora MEME É OBJETO por ele empregada, já que OBJETO é um conceito bem menos detalhado, mais esquemático e basilar que DOENÇA. O que esse autor faz é apenas deslocar o grau de esquematicidade da metáfora que ele rejeita para um nível que lhe parece menos “nocivo” terminologicamente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a análise aqui empreendida, encontramos evidências de que o conceito DOENÇA figura como um domínio-fonte relevante, como já havia aferido Kövecses (2010) em seus estudos. Tal evidência é verificada nas primeiras definições atribuídas por Dawkins (2007) à palavra meme, já que ainda que se tenha verificado que a metáfora MEME É GENE seja a mais ativada nessas definições, a Metáfora Conceptual MEME É DOENÇA instancia igualmente tais definições, ao mapear os componentes TRANSMISSÃO e VÍRUS em termos de COMUNICAÇÃO e MEME.

Além disso, no que tange aos usos contemporâneos, verificou-se que a metáfora MEME É DOENÇA continua licenciando o significado de meme, a exemplo de expressões como “um vídeo viral” e, em alguma medida, as definições contemporâneas formuladas por Jenkins (2009). Pois embora esse autor conteste a visão de uma comunicação involuntária perspectivada na metáfora MEME É DOENÇA, ao ativar outra metáfora (MEME É OBJETO), o faz com intuito de neutralizar o caráter “nocivo” da metáfora biológica.

Assim sendo, verificou-se que, por um lado, a metáfora conceptual MEME É DOENÇA continua ativa, licenciando o significado de que meme seria um bom “veículo de propagação” da informação em ambas as definições e usos; por outro lado, aponta-se uma diferença na perspectiva adotada pelos especialistas aqui analisados, ao tentarem compreender e se posicionar diante de tal fenômeno. Assim, se meme foi originalmente conceptualizado no âmbito de ciências consideradas duras como a zoologia, na condição de vírus de tipo cultural que poderia, assim, replicar e multiplicar informações já dadas, os usos e definições contemporâneas conceptualizam meme como vírus passível de ser reformulado e ressignificado ao ter contato com o seu usuário.

Em outras palavras, os resultados da análise aqui empreendida apontam que, no que pese a metáfora MEME É DOENÇA continuar ativa, licenciando os significados atribuídos à palavra meme desde a sua origem até o momento atual, a maneira de perspectivar e avaliar a comunicação realizada por tal mídia, na condição de contágio, mudou, tendo em vista que: nas primeiras acepções, o usuário de tal mídia seria categorizado como paciente, regido por leis cegas e egoístas tal qual as leis cegas e egoístas que regeriam a biologia humana; nas acepções atuais, tal usuário seria categorizado como sujeito, a quem é facultada a possibilidade de reformular e ressignificar o conteúdo de tal mídia.

À guisa de conclusão, vale ainda ressaltar a importância de discutir e abordar aquela dita “sabedoria poética”, ou uma forma de pensar a experiência – e agir na experiência – por meio da metáfora seja no âmbito da vida cotidiana seja no âmbito da produção de conhecimentos especializados.

Referências

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melaine. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2006.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HARARI, Yuval. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&M Pocket, 2018. p. 15-63.

HUMPHREY, Nicholas. *The inner eye*. Londres: Faber and Faber, 1986 apud
DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

JENKINS, Henry. If it doesn't spread, it's dead (Part One): Media Viruses and Memes.
Henry Jenkins. 2009. Disponível em:
http://henryjenkins.org/blog/2009/02/if_it_doesnt_spread_its_dead_p.html. Acesso em:
30 jul. 2021.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: a practical introduction*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 1993.

SCHABARUM, John; CHISHMAN, Rove. A metáfora no ensino: uma análise de seu potencial como recurso pedagógico em videoaulas do YouTube. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 409-437, 2020.

VIGOTSKI, Liev. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZANOTTO, Mara Sophia. Apresentação à edição brasileira. In: LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002, p. 9-37.

Recebido em: 02/04/2022

Aceito em: 25/03/2022